

## **Marx e Tocqueville: Da revolução de fevereiro ao golpe de Estado de Luís Bonaparte, aproximações e contrastes no processo político francês em meados do século XIX**

**Marx and Tocqueville: From the February revolution to Louis Bonaparte's coup d'état, approximations and contrasts in the French political process in the mid-19th century**

**Marx y Tocqueville: De la revolución de febrero al golpe de Estado de Luis Bonaparte, aproximaciones y contrastes en el proceso político francés de mediados del siglo XIX**

Recebido: 09/02/2024 | Revisado: 19/02/2024 | Aceitado: 20/02/2024 | Publicado: 23/02/2024

**João Carlos da Silva Santiago**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3008-0569>  
Universidade Federal do Pará, Brasil  
E-mail: [Santiago@ufpa.br](mailto:Santiago@ufpa.br)

**Andréa Bittencourt Pires Chaves**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0247-9265>  
Universidade Federal do Pará, Brasil  
E-mail: [andreachaves@ufpa.br](mailto:andreachaves@ufpa.br)

**Elenice do Socorro Nazaré Lisboa**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3828-5347>  
Universidade Federal do Pará, Brasil  
E-mail: [Elenice@ufpa.br](mailto:Elenice@ufpa.br)

**Raimundo Wanderley Correa Padilha**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1018-7492>  
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil  
E-mail: [wpadilha@unifesspa.edu.br](mailto:wpadilha@unifesspa.edu.br)

### **Resumo**

O objetivo da presente pesquisa é comparar as teorias de Marx e Tocqueville sobre os acontecimentos políticos de meados do século XIX na França que deram origem à revolução de fevereiro de 1848 feita pelo proletariado de Paris e de como esse mesmo proletariado será esmagado pela burguesia nas Jornadas de Junho do mesmo ano, ocasionando a partir de então, um deslocamento das classes sociais que culminaram com o golpe de Estado de Luis Bonaparte em dezembro de 1851, apoiado pela massa da burguesia. Trata-se de uma pesquisa estritamente bibliográfica e de revisão da literatura, tendo como base *O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte* de Marx e as *Lembranças de 1848* de Tocqueville, apoiado em diversos autores e comentaristas desses autores clássicos. Como resultado de nossa pesquisa vimos que, apesar das diferenças metodológicas e de classe que separam os dois pensadores clássicos, suas análises convergem em pontos cruciais, como a caracterização da revolução de fevereiro como sendo socialista e tendo no proletariado a principal força social que derrubou a Monarquia Orleanista, assim como as causas gerais e os acidentes que possibilitaram a explosão da revolução e todos os encadeamentos que culminaram no golpe de Estado de Luis Bonaparte e colocando um fim no processo revolucionário francês.

**Palavras-chave:** Revolução de fevereiro; Golpe de Estado; Classes sociais; Marx; Tocqueville.

### **Abstract**

This research aims to compare the theories of Marx and Tocqueville regarding the mid-19th century political events in France that led to the February Revolution of 1848 carried out by the Parisian proletariat and how this same proletariat would be crushed by the bourgeoisie in the June Days of the same year, causing a shift in social classes that culminated in the coup d'état of Louis Bonaparte in December 1851, supported by the mass of the bourgeoisie. This is a strictly bibliographic and literature review research, based on Marx's *The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte* and Tocqueville's *Recollections of 1848*, supported by several authors and commentators of these classical authors. As a result of our research, we found that, despite the methodological and class differences that separate the two classical thinkers, their analyses converge on crucial points, such as the characterization of the February Revolution as a socialist one with the proletariat as the main social force that overthrew the Orleanist Monarchy, as well as the general causes and accidents that enabled the outbreak of the revolution and all the chains of events that culminated in the coup d'état of Louis Bonaparte and put an end to the French revolutionary process.

**Keywords:** February revolution; Coup d'état; Social classes; Marx; Tocqueville.

## Resumen

El objetivo de esta investigación es comparar las teorías de Marx y Tocqueville sobre los acontecimientos políticos de mediados del siglo XIX en Francia que dieron origen a la revolución de febrero de 1848 llevada a cabo por el proletariado parisino y cómo este mismo proletariado será aplastado por la burguesía en las Jornadas de Junio del mismo año, provocando a partir de entonces, un desplazamiento de clases sociales que culminó con el golpe de Estado de Luis Bonaparte en diciembre de 1851, apoyado por la masa de la burguesía. Se trata de una investigación y revisión de la literatura estrictamente bibliográfica, basada en el Dieciocho Brumario de Luis Bonaparte de Marx y Las Memorias de 1848 de Tocqueville, apoyada por varios autores y comentaristas de estos autores clásicos. Como resultado de nuestra investigación vimos que, a pesar de las diferencias metodológicas y de clase que separan a los dos pensadores clásicos, sus análisis convergen en puntos cruciales, como la caracterización de la revolución de febrero como socialista y que tenía al proletariado como principal fuerza social que derrocó a la Monarquía Orleanista, así como las causas y accidentes generales que posibilitaron el estallido de la revolución y todas las cadenas que culminaron con el golpe de Estado de Luis Bonaparte y el fin del proceso revolucionario francés.

**Palabras clave:** Revolución de febrero; Golpe de Estado; Clases sociales; Marx; Tocqueville.

## 1. Introdução

A Revolução de fevereiro de 1848 na França, que derrubou a Monarquia Orleanista ou o golpe de Estado de Luís Bonaparte, dado em 02 de dezembro de 1851, foram acontecimentos que surgiram como um “raio em céu azul”, acidentes de percurso histórico, ou estavam inscritos em causas mais gerais da sociedade francesa? Como um ser “mediocre e vagabundo” da estatura de Luís Bonaparte pode se tornar presidente da França e ser o inaugurador dos golpes de Estados Modernos? Por que o proletariado francês, que derrubou a Monarquia de julho, foi esmagado com tanta impiedade nas “Jornadas de Junho” de 1848?

São perguntas que Marx (1818 - 1883) e Tocqueville (1805-1859) tentarão responder cada um a seu modo e do seu lugar social e político, em suas obras, “O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte” e “Lembranças de 1848”. Para Tocqueville há uma grande vantagem: ele foi observador literal dos fatos que agitaram a França, passando pelo meio de uma barricada dos operários revolucionários, por exemplo, e ao mesmo tempo articulador e mandante de muitos desses fatos, como parlamentar e ministro, dando-lhe condições de descrever muitas especificidade e detalhes que passaram despercebido em Marx.

Já Marx não pode viver os fatos “in loco” em toda a sua plenitude -essa sua grande desvantagem. Quando estourou a revolução de fevereiro em Paris, A Associação Democrática dos Trabalhadores organizou um ato em 28 de fevereiro de 1848 de apoio em Bruxelas, sendo dispersada pela polícia. Wilhem Wolf foi preso e o Rei ordenou a expulsão de Marx e dos revolucionários. Marx conseguiu chegar em Paris com sua família em 4 de março. Mas, com a revolução explodindo em Berlim em 19 de março, Marx, Engels e os socialistas democratas imediatamente se mudam para Colônia para apoiar a revolução anti-feudal e editar o jornal Nova Gazeta Renana. Marx só retornaria a Paris no início de 1849, depois da derrota da revolução em Berlim, onde permaneceria apenas três meses (McLellan, 2023, p.286). Marx seguiria sua trajetória de exílio por ser o intelectual e revolucionário mais perigoso da Europa, enquanto Tocqueville continuaria tranquilo em seu confortável apartamento em Paris, dando conselhos às classes dominantes.

Provavelmente os dois nunca tenham se conhecido ou cruzado o caminho do outro pessoalmente, mas com certeza um e outro conheceu seus feitos e escritos. Tocqueville conhecia a Teoria Socialista e dela tinha aversão - não terá lido nenhum artigo ou panfleto (como o Manifesto Comunista) do jornalista e revolucionário Karl Marx? Todas as vezes em que fala no socialismo ou nos socialistas nas “Lembranças de 1848”, é com extrema aversão e pavor que Tocqueville o faz, nunca citou o nome de Marx uma única vez - por não conhecê-lo realmente ou pelo medo que lhe inspirava um intelectual revolucionário?

Ao contrário, Marx o conhecia de nome por suas obras e sua participação no Parlamento francês, e uma única vez em que o cita no “18 Brumário” o trata como “porta voz do partido da ordem”, quando este fora relator dos representantes desse “partido da ordem” na questão da revisão da Constituição, em Moção apresentada no dia 2 de junho de 1851 (Marx, 2011, p.118).

Essa simples apresentação nos dá a perspectiva de cada um dos autores ao descrever e julgar os acontecimentos na França de meados do século XIX. Tocqueville como um liberal, e defensor da ordem (burguesa? aristocrática?) se coloca em oposição à barricada dos operários - apesar de achar a arte de construí-la um espetáculo formidável, “as barricadas eram construídas com arte por um pequeno número que trabalhavam diligentemente...como bons operários que querem terminar sua tarefa rapidamente e bem”, (Tocqueville, 2011, p.77). Marx como socialista, além de apoiá-la e denunciar a repressão contra os operários denuncia a traição que os líderes (montanheses e socialistas) fizeram com os operários na jornada de junho de 1848.

Nosso objetivo é analisar de um ponto de vista comparativo como os dois pensadores viram a movimentação das classes sociais no período, quais as causas e acidentes que precipitaram a revolução de fevereiro de 1848, e porque o golpe de estado se tornou inevitável na situação política francesa de meados do século XIX. Nosso esforço se soma à tentativa de autores recentes, como Martins (2021), em redescobrir Marx e Tocqueville, mesmo que eles sejam em muitos aspectos “irreconciliáveis” e se “complementem” de diversas formas na análise da revolução e dos personagens.

## 2. Metodologia

Nossa pesquisa é essencialmente bibliográfica e de revisão da literatura clássica e contemporânea acerca do processo político francês de meados do século XIX, que deu origem à revolução de fevereiro de 1848 que derrubou a Monarquia e instaurou a República social. Segundo Gil (2017, p.34), “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica é o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”

Como delineamos no Resumo, o objetivo da pesquisa é fazer uma comparação entre dois clássicos das ciências sociais, Marx e Tocqueville, que pela primeira vez nos trouxeram de forma mais sistematizada a análise do processo revolucionário francês de meados do século XIX. Para tanto selecionamos as duas obras fundamentais desses pensadores que serviram de base para a realização de nosso objetivo, *O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte* de Marx e as *Lembranças de 1848* de Tocqueville. Também nos apoiamos em artigos do próprio Marx e de Engels da Nova Gazeta Renana (NGR) escritos no calor dos acontecimentos, bem como nas *Correspondências* de Marx e Engels do ano de 1851 traduzidas do francês. Igualmente citamos biógrafos de Tocqueville e de Marx, como Mayer, J. P. que escreveu *Alexis de Tocqueville y Carlos Marx. Afinidades y Antagonismos*. e Mcllelan, D. que escreveu *Karl Marx: vida e pensamento*, assim como outros autores e comentaristas que reinterpretaram as obras clássicas dos nossos autores.

A comparação das visões teóricas e políticas de Marx e Tocqueville acerca do processo francês em meados do século XIX é o eixo de nossa pesquisa e por isso mesmo utilizaremos o método comparativo no melhor estilo apresentado por Lakatos e Marconi (2003), quando nos dizem o seguinte:

Ocupando-se da explicação dos fenômenos, o método comparativo permite analisar o dado concreto, deduzindo do mesmo os elementos constantes, abstratos e gerais. Constitui urna verdadeira "experimentação indireta". É empregado em estudos de largo alcance (desenvolvimento da sociedade capitalista) e de setores concretos (comparação de tipos específicos de eleições), assim como para estudos qualitativos (diferentes formas de governo) e quantitativos (taxa de escolarização de países desenvolvidos e subdesenvolvidos) (Lakatos & Marconi, 2003, p.107).

Além do método comparativo, aplicaremos também o método qualitativo, aquele que ajuda o investigador a interpretar o fenômeno estudado, como bem afirmou Pereira et al. (2018, p.67) “Os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo”. Não se trata somente da revisão da literatura em si, do que disseram Marx e Tocqueville acerca do fenômeno da revolução e do golpe de Estado, mas da capacidade do investigador de apontar sua análise interpretativa das questões formuladas pelos dois pensadores clássicos.

Por fim, nossa pesquisa segue rigorosamente o percurso do método dialético, também exposto por Lakatos e Marconi (2003), a fim de darmos conta de todos os aspectos contraditórios no processo político francês, e de como Marx consegue

apreender a essência do que ocorre naquele momento na França dos anos de 1848-1851, enquanto Tocqueville, mesmo colocando aspectos relevantes, como veremos no item 3, em algum momento se omite de narrar alguns episódios, como o massacre dos operários pela burguesia nas Jornadas de Junho de 1848, justamente porque o método dialético exige que se avance em todas as etapas da análise, percebendo as contradições e as mudanças de quantidade para qualidade em um processo político concreto como o francês de meados do século XIX.

É isso que abordaremos a partir do item 3 de nossa pesquisa.

### **3. Resultados e Discussão**

O que poderia haver de comum entre um aristocrata - liberal como Tocqueville e um socialista extremado como Marx? Um dos grandes biógrafos de Tocqueville, J.P. Mayer já havia reconhecido “afinidades profundas” entre os dois pensadores, principalmente na utilização da categoria “classe social” quando escreveu: “No Manifesto Comunista lemos que “a história de toda a sociedade “É a história da luta de classes.” Num trecho de sua obra sobre a Revolução Francesa, que dificilmente chama a atenção, cujo primeiro volume apareceu em 1856, com o título *L’Ancien Régime et la Révolution*, Tocqueville escreveu: «Falo de classes; "Elas, por si só, deveriam preocupar a História."(Mayer, 1968, p.55).

É verdade que os textos dos dois são muitos parecidos as vezes ao tratar os personagens e episódios - principalmente Luís Bonaparte - mas são metodologias opostas, concepções analíticas diferentes, e perspectivas de classe também diferentes.

#### **O papel das tradições na revolução de fevereiro de 1848**

Somente para mostrar aspectos gerais da coincidência entre ambos, poderíamos destacar o papel das tradições que move o tempo todo a ação dos homens, especialmente os franceses. Ao citar alguns episódios da revolução de fevereiro, como a invasão da Assembleia pelas massas, Tocqueville- que não havia sentido nenhuma emoção com este episódio - comenta:

os franceses, sobretudo em Paris, misturam facilmente as lembranças da literatura e do teatro com as manifestações mais serias (...)a imitação foi tão visível que a terrível originalidade dos fatos permanecem escondida (...) os homens da primeira revolução estavam vivos, em todos os espíritos, seus atos e suas palavras presentes em todas as memórias. Tudo o que presenciei neste dia trazia a marca visível de tais lembranças, sempre tive a impressão de que houve mais esforço para representar a Revolução Francesa que para continuá-la (Tocqueville, 2011, pp.92-93).

Na verdade, Tocqueville achava que a Revolução Francesa era sempre a mesma. Em Marx a abertura do “18 Brumário” se dá com a discussão da tradição. “Os homens fazem a história, mas não como a querem”. A primeira vez se dá como tragédia, a segunda como “farsa”, pois “a tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos” (Marx, 2011, p. 25).

Se os franceses se inspiravam nas imagens e nos símbolos do passado, era para mediar a instauração do presente, e depois que se instalasse, os “símbolos” cairiam por terra e apareceria a verdadeira cara daqueles que se maquiavam com o passado, tal como vai fazer Luís Bonaparte com a imagem de Napoleão. Para Marx, “a revolução do século XIX deveria deixar que os mortos enterrassem seus mortos” (p. 20). Igual que Tocqueville, Marx também via a revolução como um processo permanente, e se a revolução de fevereiro foi escamoteada, a 2 de dezembro, foi graças a um “truque de um trapaceiro” chamado Luís Bonaparte.

#### **Tocqueville e as causas gerais e acidentadas que prepararam a revolução de fevereiro**

Há uma maneira muito comum em Marx e Tocqueville em considerar os acontecimentos históricos: o fato de que a história trabalha com causas\_mais gerais e objetivas que podem ser encontradas na própria sociedade. É certo que em alguns

momentos nas “lembranças”, Tocqueville tenta conciliar “causas gerais” e “acidentes”, o que pode tornar o texto confuso, mas se não estivermos enganados, o rumo que dá para as interpretações dos acontecimentos da França de 1848 é apoiada em causas mais gerais.

Podemos encontrar esta visão também no “Antigo regime e a revolução”, que é de alguns anos depois (1856) das “lembranças” (1850 - 1851), em duas passagens; no capítulo terceiro, ao comentar o caráter universal da Revolução Francesa, onde a compara com as Revoluções Religiosas:

.. a mesma tocha que toca fogo na Europa no século dezoito foi apagada com facilidade no século quinze. Para que argumentos desta espécie produza revoluções é preciso que algumas mudanças nas condições, costumes e usos já tenham ocorrido e preparado o espírito humano a se deixar penetrar por eles (Tocqueville, 1997, p. 60);  
E no capítulo cinco quando discute a obra peculiar da Revolução Francesa:

“... A Revolução não foi de maneira alguma um acontecimento fortuito. Realmente pegou o mundo de improviso embora nada mais fosse que o complemento do trabalho mais longo e do término evidente de uma obra a qual dez gerações tinham trabalhado” (Tocqueville, 1997, p. 67). Tocqueville vai até mais fundo e diz que “mesmo que não tivesse surgido a Revolução Francesa”, isto é, um movimento político, com suas ideias e seus líderes de carne e osso que aconteceu num determinado momento, “o *velho edifício social* (grifo nosso) teria ruído por toda parte, aqui mais cedo, acolá mais tarde...” (Tocqueville, 1997, p. 68).

A obra da revolução, como ele mesmo vai dizer, foi ter feito tudo de uma vez, dolorosamente, o que teria se realizado sozinho com o tempo. Onde entram os personagens aqui nessa visão de Tocqueville? Não estaria sendo aqui tão determinista em relação ao processo histórico? Até muito mais que Marx, que na *Introdução* da crítica da economia política, falava do descompasso entre base e superestrutura, anunciando a abertura de uma “Era de Revolução Social”? (Marx, 2008, p.47). Nas Lembranças de 1848, na abertura da segunda parte, sua posição não é radicalmente diferente; e o que o faz aprofundar sua argumentação é justamente o fato de ouvir Guizot, Molé e Thiers comentarem com ele – tempo depois - que a revolução de fevereiro foi “uma surpresa”, “um acidente e um golpe de sorte” (p.83).

“Acredito que os acidentes desempenharam um importante papel na Revolução, porém que nem tudo se deveu à eles”, nos diz Tocqueville. Mesmo criticando os homens de letras, que atribuíam tudo as “causas gerais” os políticos que em tudo veem “acidentes” e tentando “conciliar” os dois extremos em um dos parágrafos (Tocqueville, 2011, p. 103), Tocqueville não poderia deixar de concluir - no mesmo parágrafo - “... mas creio firmemente que o acaso nada faz àquilo que, de antemão, já não esteja preparado. Os fatos anteriores, a natureza das instituições, a dinâmica dos espíritos e o estado dos costumes são os materiais com os quais o acaso compõe os improvisos que nos assombram e nos assustam” (Tocqueville, 2011, p.84).

Quando nas Lembranças diz que “detesta os sistemas absolutos que eliminam os homens da história do gênero humano”, e que “muitos fatos históricos importantes só podem ser explicados por circunstâncias acidentais e que muitos outros são inexplicáveis” (Tocqueville, 2001, p.104), não se contradiz frontalmente com suas afirmações no “Antigo Regime e a Revolução”, quando diz que o “velho edifício social” teria caído sozinho se não houvesse a Revolução?

A conclusão conciliatória de Tocqueville, tentando juntar causas gerais e acidentes, anula sua posição extrema em o “Antigo Regime e a Revolução”?

“A revolução de fevereiro, como todos os outros grandes acontecimentos do gênero nasceu de causas gerais fecundadas, se é que assim podemos dizer, por acidentes; tão superficial seria fazê-la derivar necessariamente das primeiras quanto o seria atribuí-la unicamente aos segundos” (Tocqueville, 2011, p. 104). A nosso ver Tocqueville trabalhou com causas gerais fazendo concessões aos acidentes. A própria previsão que faz da Revolução de Fevereiro na primeira parte, capítulo primeiro (escrito em julho de 1859 - três anos após *O Antigo Regime e a Revolução*), está baseada em causas muitos gerais e

materiais - existiu alguém mais próximo de Marx ao afirmar que a “burguesia não só se tornou a única classe dirigente da sociedade, mas também converteu-se em sua arrendatária” (Tocqueville, 2011, p. 43)?

Ora, foi essa "classe dominante" para Tocqueville, vencedora da Revolução de 1830, auxiliada por seu rei Luís Felipe - que “amava a indústria com paixão” (Tocqueville, 2011, p. 44) – (foi ele o “acidente” que tornou a enfermidade mortal), que preparou o caminho para a Revolução; foi ela que destruiu todos os direitos exclusivos e só deixou subsistir um: o direito de propriedade (Tocqueville, 2011, p.50), onde se instalaria o grande campo das batalhas políticas, tendo como ator “as classes operárias”, atormentadas por necessidade sociais e influenciadas por ideias que pregam a igualdade. Sua conclusão do capítulo, reforça a posição que vimos defendendo, de que as causas gerais tinham um papel muito importante: “creio que eu percebia mais claramente do que qualquer outros as causas gerais que faziam a Monarquia de julho pender a ruína. Não via os acidentes, que iriam precipitá-la” (Tocqueville, 2011, p.55).

### **Marx e a explicação materialista da revolução de fevereiro: a luta entre burguesia e proletariado**

A explicação que Marx dá no *Dezoito Brumário* dos acontecimentos políticos que ocasionaram a Revolução de fevereiro e levaram um personagem “mediocre e grotesco”- Luís Bonaparte - ao poder, e surpreendeu a todos os setores políticos “como um raio em céu azul”, está inserida em sua concepção materialista da história, como bem enfatizou no Prefácio à segunda edição da obra, em 1869, ao criticar os pontos de vistas de Vitor Hugo e Proudhon acerca do golpe de Estado e de Luis Bonaparte, “em contrapartida eu demonstro como a luta de classes na França criou circunstâncias e condições que permitiram a um personagem medíocre e grotesco desempenhar o papel de herói” (Marx, 2011, p.18).

Para Marx este fenômeno se mostrava previsível à medida em que as classes, iam se deslocando no cenário da Revolução de Fevereiro, não em torno de futurologia, é claro, como bem analisaram Badia e Mertier (1971, Avant-Propos, XVII), ao comentarem a Carta de Marx a Engels de 19 de outubro de 1851, quando Marx já havia farejado a conspiração golpista que acontecia em Paris: “certamente não se trata de fazer de Marx e Engels os profetas que não são, mas de constatar a rapidez com que reagem, com que se voltam para o futuro e de notar os sintomas”, isso seis semanas antes do golpe de Luis Bonaparte. Por que isso se dava? Por causa das "condições materiais de existência" - essa é a palavra-chave -, dos interesses específicos de cada classe ou de suas frações que estavam em jogo na disputa do poder. E que classes são essas e que interesses defendiam? Quase o tempo todo no *Dezoito Brumário* Marx as está narrando e caracterizando-as.

A burguesia estava dividida em duas frações monarquistas, os Legitimistas (grandes latifundiários) - do período da restauração - e os Orleanistas (aristocratas da finança e os grandes industriais) - Monarquia de julho -, que formavam o "Partido da Ordem". Marx os chamava de “massa da burguesia”, e na república burguesa “não eram os nomes Bourbons nem Orleans que os unificava, mas sim o capital” (Marx, 1978, p.36). A classe operária se fazia representar pelos socialistas e os camponeses - ainda a maior classe na França - se representavam na montanha, que Marx vai caracterizar como o partido pequeno-burguês. Havia ainda os republicanos burgueses, puros, representados por Magistrados e Literários. A esse respeito é interessante a diferenciação que faz Silva (2024), entre “conflitos de classes”, que seriam relações internas entre as frações de classes e “luta de classes”, que seriam “relações externas entre as classes sociais”, que serviriam para saber como “as frações de classes se movimentam e quais alianças de classes estabelecem em determinadas conjunturas” (Silva, 2024, pp. 21-22), citando como exemplo a grande aliança da burguesia após a revolução de fevereiro de 1848 em torno do “partido da ordem”, utilizando a expressão de Marx no *Dezoito Brumário*.

Nos três períodos descritos por Marx, o de Fevereiro, o da Constituição da República ou da Assembleia Nacional Constituinte (4 de maio de 1848 a 28 de maio de 1849) e o da República Constituinte ou da Assembleia Nacional Legislativa (28 de maio de 1849 a 2 de dezembro de 1851), essas classes vão estar numa luta - ou numa “Guerra”, como diria Tocqueville - que vai culminar no golpe de Estado de Luís Bonaparte.

Mas o protagonista principal dessa história, que levará a burguesia ao desespero, a ponto de decretar sua nulidade política mais tarde, é o proletariado de Paris, este mesmo proletariado que fazia Tocqueville "ferejar" revoluções e os fazia -o Partido da Ordem - "dormir sobre um vulcão". Nesse aspecto tanto Marx como Tocqueville tem um ponto de unidade, pois a Revolução Francesa herdou a centralização administrativa do Antigo Regime e o aperfeiçoou; a mudança social, de classe, operada na França desde a Revolução foi espetacular, e o resultado da industrialização, da constituição da burguesia como única classe dirigente - disfarçada sob rótulos políticos -, foi o surgimento de uma classe operária numerosa concentrada principalmente em Paris. Não é a toa que Tocqueville caracteriza a Revolução de Fevereiro -capítulo 2, da segunda parte das Lembranças - como socialista, e Marx a vê como o "Prólogo da Revolução".

Que ponto de unidade fantástico entre ambos, apesar de um estar pela manutenção da ordem e outro pela sua derrubada! A república aparecerá apenas como um "meio" para Tocqueville (p. 95) e como um "rótulo" para Marx, pois o pano de fundo é a luta entre o socialismo e a propriedade privada burguesa. O fato da fração republicana da burguesia - a oposição republicana oficial durante a monarquia de Luís Felipe, com base no jornal *O National* - ter chegado ao poder graças a "um levante do proletariado contra o capital, e não como sonhara", é significativo. Tocqueville é testemunha disso em sua "Lembranças", pois dias antes da Revolução conversara com um dos líderes importantes da oposição que realizava os "Banquetes" agitados na França contra Luís Felipe. Ele dizia "soube por Beaumont (...) que a agitação criada no país pelos banquetes ultrapassava não somente as esperanças, mas também os desejos daqueles que a haviam feito nascer; trabalhavam mais para reduzi-la que para aumentá-la" (Tocqueville, 2011, pp.57-58).

### **Marx e o caráter descendente da revolução de fevereiro de 1848**

Se a primeira Revolução Francesa de 1789, assumiu um caráter ascendente, a de 1848 - 1851, para Marx, assumia um nítido caráter descendente. Na primeira, os Girondinos (burguesia) foram derrubados pela radicalização do processo revolucionário; na de 1848, o proletariado, que fez a revolução, foi esmagado e a "massa" da burguesia, organizada no Partido da Ordem tomou o controle da situação. Pelas mudanças colossais ocorrida na França, o caráter da revolução só poderia ser socialista - como alguém não menos suspeito como Tocqueville demonstrara.

O mais interessante e fundamental nas caracterizações de Marx sobre o processo é que as duas grandes frações da burguesia Legitimistas e Organistas, que se escondiam sob rótulos políticos:

"Eles executavam a sua real atividade na condição de *Partido da Ordem*, isto é, sob um título *social*, não *político*, como representantes da ordem mundial burguesa, não como cavaleiros de princesas andantes; como classe de burgueses contra todas as demais classes, não como monarquistas frente aos republicanos" (Marx, 2011, p. 61),

Como classe burguesa contra as outras classes -principalmente contra o proletariado - e não como "monarquistas" contra "republicanos", "se insultavam a república - dirá Marx- era por que se defrontavam diretamente com as classes subjugadas sem qualquer mediação, sem poderem se esconder atrás da coroa (p. 47-18 Brumário). "Portanto, o que mantinha essas facções separadas não foram os seus assim chamados princípios, mas suas condições materiais de existência, dois tipos diferentes de propriedade, foi a antiga contraposição de cidade e o campo, a rivalidade entre o capital e propriedade fundiária" (Marx, 2011, p.60).

É assim que nos três períodos descritos por Marx, essa burguesia vai travar uma luta de classes frontal conta o proletariado, a pequena burguesia, e os republicanos burgueses consequentes. Se em "fevereiro" todas as classes estão juntas foi por uma contingência social: o ódio contra a Monarquia de julho (Orleanista); mas derrubada a monarquia o ódio se voltou conta o proletariado de Paris. Como dirá Marx, "O Partido da Anarquia, do Socialismo e do Comunismo", assim era vista

classe proletária - e Tocqueville em suas “Lembranças” engrossa esse coro dos políticos e burgueses da época. Para que a república burguesa se instalasse todas as classes se alinham contra o proletariado, quando da insurreição de julho de 1848.

### **As Jornadas de Junho e o esmagamento do proletariado: o começo do fim da república**

Marx descreve esse grande “Partido da Ordem”: aristocracia financeira, burguesia industrial, a classe média, a pequena burguesia, o exército, o camponês, o lumpen-proletariado, estavam todos juntos contra o proletariado. A perseguição aos líderes foi cruel, muitos insurrectos (cerca de quinze mil) foram deportados, cerca de três mil foram massacrados. Pela primeira vez na história a burguesia usava os métodos da guerra civil contra o proletariado.

Marx e Engels, mesmo estando em Berlim lutando na revolução alemã, escreveram sobre o massacre e a derrota do proletariado no calor dos acontecimentos, nas páginas do *Nova Gazeta Renana* (NGR). Se Tocqueville omitiu o massacre em suas Lembranças, “Não direi mais nada dos combates de junho. As lembranças dos dois últimos dias encaixam-se com as dos primeiros e neles se perdem” (Tocqueville, 2011, p.218), Marx e Engels o denunciaram em primeira mão e nos colocaram dados que não estão presentes no 18 Brumário.

Nas “Notícias de Paris”, no NGR de 27/06/1848, Marx falava da “Paris mergulhada em sangue, a insurreição desenvolvendo-se em direção à maior revolução que já ocorreu, à revolução do proletariado contra a burguesia” (Marx, 2020, p.121); para logo em seguida, no artigo “A Revolução de Junho”, de 29/06/1848, escrever que a república tricolor só tem uma cor, a cor do sangue:

Os trabalhadores parisienses foram esmagados pela superioridade numérica, não foram abatidos por ela. Foram batidos, mas seus opositores foram vencidos. O trunfo momentâneo da força bruta foi comprado com o aniquilamento de todas as mistificações e ilusões da Revolução de fevereiro, com a decomposição de todo o velho partido republicano, com a cisão da nação francesa em duas nações, a nação dos proprietários e a nação dos trabalhadores. A república tricolor traz somente uma cor, a cor dos caídos, a cor do sangue. Ela se tornou república vermelha (Marx, 2020, p.123).

Nos relatos de Engels da insurreição de junho, nas páginas do *Nova Gazeta Renana*, podemos perceber a bravura e a glória de um proletariado insurgente, mesmo estando numericamente quatro vezes abaixo das tropas da repressão. A vitória da burguesia, tendo à frente o general Cavaignac, só foi possível devido à superioridade numérica e aos canhões que bombardearam as barricadas nas ruas de Paris. Sobre essa inferioridade numérica do proletariado, e o contingente de Cavaignac, Engels nos dá o seguinte relato:

Em 24 (de junho) ele (Cavaignac) tinha à sua disposição não somente os 20 mil homens da guarnição de Paris, os 20 mil a 25 mil homens da Guarda Móvel e os 60 a 80 mil homens disponíveis da Guarda Nacional, como também a guarda Nacional de todos os arredores de Paris e de muitas cidades distantes (de 20 a 30 mil homens), e, além disso, tropas de 20 mil a 30 mil homens das guarnições adjacentes, que foram convocadas rapidamente. Na manhã de 26 (de junho) já estavam à sua disposição muito mais do que 100 mil homens, número que até o final da tarde tinha aumentado ainda em 50%. E as forças dos insurgentes eram de no máximo 40 mil a 50 mil homens (Engels, 2020, pp. 138-139).

O fechamento das oficinas nacionais que já ultrapassavam cem mil homens, e foi uma reivindicação dos operários ao governo provisório surgido de fevereiro para conter o desemprego, foi o estopim da Insurreição de junho - antes disso em 15 de maio, esses proletários já haviam dado demonstração de que não abririam mão de sua “República Social”, com a questão da Polônia. Com a derrota da insurreição de junho, o proletariado passa para o fundo da cena revolucionária e não se levantará mais durante esse período.

Aqui Marx destaca o perfil do papel dos líderes pequenos burgueses da Montanha, que abandonaram o proletariado a sua própria sorte, temendo perder seus privilégios com uma Revolução Operária, e um ano mais tarde, quando recorre a este mesmo proletariado para salvar a constituição este não lhe acompanha.

### **A liquidação da pequena burguesia (Montanha)**

Vencido o primeiro “round” contra o proletariado, era a vez do Partido da Ordem ajustar as contas com a pequena burguesia, cujo partido, a Montanha possuía duzentos representantes na Assembleia Legislativa Nacional. Prevendo a perseguição a seus interesses, a pequena burguesia se alia com os operários após as jornadas de junho de 1848; o Partido Social Democrata que vai surgir dessa união é a coalizão de pequenos burgueses e operários contra a burguesia; mas como dirá Marx:

O caráter peculiar da Social Democracia resumia-se aos seguintes termos: reivindicavam-se instituições republicanas democráticas, não como meio de suprimir dois extremos, o capital e o trabalho assalariado, mas como meio de atenuar a sua contradição e transformá-la em harmonia” trabalho. (Marx, 2011, p. 63).

O bombardeio de Roma, executado por Luís Bonaparte foi a isca para colocar a montanha na ilegalidade. Ledrun-Rollin (líder da Montanha) apresentou um projeto de *impeachment* contra Bonaparte e seus ministros, em 11 de junho de 1849; mas prevendo que iriam perder a votação - como de fato aconteceu - apela para Insurreição. A Montanha não comparece no dia da votação. e fez o seu quartel-general da insurreição no Conservatório de Artes e Ofícios. Apenas sete a oito mil pessoas - segundo Tocqueville - ou vinte mil - segundo Marx-atenderam ao chamado dos montanhese. Foi o fim dos montanhese. Marx analisa esse episódio e atribui isso ao caráter de classe da pequena burguesia, que imaginou fazer dessa luta, uma luta de “todo o povo”, quando era uma luta de classe contra classe: “... Porém, por representar a pequena burguesia, ou seja, uma classe de transição na qual os interesses de duas classes se embotam de uma só vez, o democrata tem a presunção de se encontrar acima de toda e qualquer contradição de classe” (Marx, 2011, p. 67). Foi a vacilação Democrata da pequena burguesia desde a insurreição de junho de 1848, sua pouca inspiração ao proletariado, que a havia derrotado nesse episódio.

Nesse ponto Marx e Tocqueville tiram conclusões idênticas. Marx dirá que “a pequena burguesia traiu seus representantes”, os representantes “ludibriaram a pequena burguesia” e o Partido Democrata “infectara o proletariado com suas próprias fraquezas” (Marx, 2011, p. 66). Já Tocqueville dirá:

assim acabou a segunda Insurreição de junho, muito diferente da primeira pela violência e pela duração, mas semelhante pelas causas que a fizeram fracassar. Quando da primeira o povo impulsionado mais por opiniões que por apetite, combatera sozinho sem poder contar com o comando de seus representantes. Desta vez, o povo não quis seguir os representantes no combate. Em junho de 1848 o exército não tem líderes; em junho de 1849 os líderes não tiveram exército (Tocqueville, 2011, p. 269).

A diferença é que enquanto Tocqueville (2011, p.268) vibra - “éramos senhores de Paris” - com a derrota da montanha, Marx alertava: “atacando os deputados montanhese a burguesia aboliu as suas próprias imunidades parlamentares em relação ao golpe de Bonaparte” (Marx, 2011, p. 53).

### **Abolição do sufrágio universal, antessala do golpe de Estado**

Há um episódio analisado por Marx- mas omitido por Tocqueville nas *Lembranças de 1848* -, o resultado das eleições suplementares de 10 de março de 1850, que obriga o Partido da Ordem, temendo novas insurreições operárias, a abolir o Sufrágio Universal conquistado na Revolução de fevereiro. Deveriam ser preenchidas as cadeiras vagas da Montanha após a insurreição de junho de 1849. Paris elege em massa apenas candidatos Social-Democratas, inclusive Deflotte um insurrecto de junho de 1848, tem a maioria concentrada de votos. O exército votou na Montanha nos Departamentos.

Na votação da nova Lei Eleitoral (31 maio) abolindo o Sufrágio Universal, a Montanha apenas protesta formalmente ao presidente da Assembleia. Mais uma vez Marx investe contra a fraqueza dos dirigentes democráticos em março e abril de 1850. Após essa Lei Eleitoral segue-se uma nova Lei de Imprensa, pela qual a imprensa revolucionária foi totalmente suprimida. Marx diz que “merecera essa sorte”. Dois órgãos burgueses, o *National* e *La Presse* ficaram depois desse episódio com a guarda mais avançada da revolução (Marx, 2011, p.85). Entretanto, enquanto Marx denuncia essa atrocidade cometida aos revolucionários, Tocqueville como membro da Assembleia e do governo apoia essas medidas. A conclusão de Marx desse episódio é categórica: “A Lei de 31 de maio de 1850 foi o *coup d'état* da burguesia” (Marx, 2011, p.86).

A partir de então, a luta política vai se dar entre a Assembleia Nacional e Bonaparte. E todos os fatos narrados por Marx nas partes 5 a 7 do “18 Brumário”, serão para confirmar que à burguesia não restava outra alternativa senão sua própria nulidade política, pois o “fantasma” adormecido do proletariado lhe assombrava o tempo todo. E quando o que está em jogo são suas propriedades, seus máximos interesses, é melhor não arriscar a sociedade com querelas intestinais no mundo da política, como seus representantes tentavam fazer com Bonaparte no último período analisado por Marx, antes do golpe de 2 de dezembro de 1851.

### **A massa da burguesia apoia Bonaparte e o Golpe**

Em várias passagens Marx vai deixar claro o descompasso que havia entre os representantes parlamentares da classe burguesa e a própria burguesia, e de como esta se passava para o lado de Bonaparte. “Ele demonstrou que a luta pela afirmação do seu interesse *público*, do *interesse da sua própria classe*, do seu *poder político*, apenas o incomodava e desgostava como perturbação dos seus negócios privados” (Marx, 2011, p. 122). Em outra passagem sobre a revisão da constituição nos diz:

Os Conselhos Gerais dos *départements*, essas representações provinciais da grande burguesia, que se reuniram no recesso da Assembleia Nacional a partir de 25 de agosto, pronunciaram-se quase unanimemente favoráveis à revisão, ou seja, contrários ao Parlamento e a favor de Bonaparte (...), a burguesia demonstrou sua cólera contra seus representantes literários, sua própria imprensa” (Marx, 2011, p. 123).

Ou ainda: “a *massa extraparlamentar da burguesia*, em contrapartida, sendo servil ao presidente, insultando o Parlamento, maltratando a sua própria imprensa, praticamente convidou Bonaparte a reprimir e destruir o segmento que dominava a fala e a escrita, os seus políticos e os seus literatos, a sua tribuna e a sua imprensa, para que pudesse, confiadamente, sob a proteção de um governo forte e irrestrito, dedicar-se aos seus negócios privados. Ela declarou inequivocamente que estava ansiosa por desobrigar-se do seu próprio domínio político para livrar-se, desse modo, das dificuldades e dos perigos nele implicados.  
(Marx, 2011, p. 124).

O motivo dessa “raiva” ao parlamento era devido à crise comercial que paralisava o comércio e a indústria, eram as crises de superprodução, e não influências puramente políticas, como pensava a burguesia, conforme nos relata Marx:

No ano de 1851, a França de fato passou por uma espécie de pequena crise comercial. No final de fevereiro evidenciou-se a diminuição da exportação em relação a 1850, em março o comércio foi afetado e as fábricas pararam, em abril a situação dos *départements* industriais parecia tão desesperadora quanto após as jornadas de fevereiro... Enquanto na França as fábricas eram fechadas, na Inglaterra ocorriam bancarrotas comerciais. Enquanto na França o pânico na indústria atingia o seu ponto alto em abril e maio, na Inglaterra, o pânico no comércio atingiu o ponto alto em abril e maio... Abstraindo dessas circunstâncias especiais, a aparente crise do ano de 1851 nada mais foi do que uma parada que a superprodução e a super especulação costumam provocar na trajetória do ciclo industrial, antes de reunir todas as forças para atravessar célere e febrilmente a última etapa do ciclo e chegar novamente ao seu ponto de partida, a *crise comercial generalizada*.(Marx, 2011, pp.125-127)

É interessante que essa causa mais geral, que é da própria essência da concepção materialista da história de Marx, tenha passado despercebido a Tocqueville, de acordo com a análise de Braudel (2011). Este autor nos diz que “esta crise foi o

fator precedente à Revolução (de fevereiro)”, quando a colheita de cereais em 1846 foi ruim, os preços dos alimentos subiram de 100 a 150%, os salários dos trabalhadores caíram 30% e o desemprego aumentou (Braudel, 2011, p. 33).

### **O poder estatal não está suspenso no ar: Luís Bonaparte representa os camponeses**

Cabe-nos analisar agora uma das mais importantes caracterizações de Marx, fruto de sua concepção materialista da história. Ele dirá, referindo-se ao governo de Bonaparte: “E, no entanto, o poder estatal não paira no ar. Bonaparte representa uma classe, mais precisamente, a classe mais numerosa da sociedade francesa: os *camponeses parceleiros* [*Parzellenbauern*]” (Marx, 2011, p.142).

Qual o êxito do golpe de Estado de Luís Bonaparte? Que classe ou quais classes levaram-no ao poder presidencial? Aqui cabe uma comparação de Marx e Tocqueville acerca de Luís Bonaparte. Os termos “aventureiro”, “bufão”, “trapaceiro”, “vagabundo”, “chefe do lumpen proletariado”, “rebotalho de todas as classes”, são os mais amenos encontrados por Marx para designar o autor do golpe de Estado na França; em Tocqueville também não é diferente: Luís Bonaparte é o príncipe “mediocre”, “aventureiro” e “de ocasião”, cercados de homens de baixa categoria, arruinados ou desacreditados, de “jovens dissolutos”, “escroques e velhacos”, em grande parte “imprestáveis e vagabundos” (Tocqueville, 2011, p.262). A diferença é que Tocqueville pela sua maneira de ser, “ficou em bons termos com ele, mais do que com qualquer outro” (Tocqueville, 2011, p. 348), e Marx via-o de longe como o “chefe de dez mil desclassificados” que formavam a Sociedade 10 de Dezembro, lumpen proletários e burgueses arruinados.

Sem dúvida alguma Marx é mais profundo na análise do golpe de Estado dado por Bonaparte, é ele quem vai estudar mais a natureza do golpe; quando Tocqueville escreve suas *Lembranças* Luís Bonaparte ainda não havia dado o golpe de Estado, mas por conhecer sua política cotidiana e sua conspiração contra a República, suas “impressões” a respeito de Bonaparte o levavam a crer que este “estava longe de ter renunciado de dar um golpe de Estado sozinho” (Tocqueville, 2011, p. 352). Se ele não analisou o golpe, pelo menos há um ponto comum dele com Marx sobre o que teria levado Bonaparte a ganhar as eleições presidenciais de 1848: Os camponeses e a “Lembrança” que tinham do fantasma de Napoleão. Se bem não seja mais profundo, há uma passagem sua que dá razão à Marx, quando nos diz referindo-se a Bonaparte: “Tal era o homem que a necessidade de um líder e a *força de uma lembrança* (grifo nosso) haviam posto no comando da França, e era com ele que íamos ter de governar” (Tocqueville, 2011, p. 262). O que Tocqueville quer dizer com “a força de uma lembrança”, senão as benesses que os camponeses - agora arruinados - haviam recebido do Imperador Napoleão Bonaparte?

Para Marx foi a “lembrança” do passado, o símbolo e a tradição presente, na história da França e na memória dos camponeses que levaram Luís Bonaparte ao poder. Como ele nos diz “A situação dos camponeses franceses nos permite decifrar o enigma das *eleições gerais de 20 e 21 de dezembro*, que levaram o segundo Bonaparte ao Monte Sinai, não para receber leis, mas para promulgá-las. (Marx, 2011, p.150). Só que essa “ilusão” dos camponeses com Bonaparte dura pouco, e já sob o governo de Bonaparte encontram-se mais esmagados do que nunca e começam a “agitar-se nos Departamentos”, tirando-lhe o apoio massivo que haviam dado em 1848, a ponto de votar nos montanheseis dois anos depois, nas eleições suplementares.

O que provoca a ruína do pequeno camponês é justamente a pequena propriedade, a forma da propriedade que Napoleão havia consolidado na França, agora essa propriedade camponesa está “escravizada ao capital”, e os interesses dos camponeses, já não estão mais como no tempo de Napoleão em consonância, mas sim em oposição aos interesses da burguesia e do capital; os camponeses são sobrecarregados de impostos para alimentar a burocracia e o exército, os poderes e toda a máquina do poder executivo, tendo a frente o “príncipe da Sociedade 10 de Dezembro”. Assim para Marx “É evidente: *todas as “idéias napoleônicas” são ideias vinculadas à parcela ainda não desenvolvida, no viço da sua juventude*, mas representam um contrassenso para a parcela já mais avançada em dias” (Marx, 2011, p. 149). Para os camponeses não resta

outra alternativa que buscar no proletariado seu dirigente “Ou seja, eles descobrem o seu aliado e líder natural no *proletariado citadino*, cuja missão é a subversão da ordem burguesa” (Marx, 2011, p. 147). A única “ideia napoleônica” que vigora é a preponderância do exército, não mais embelezado pela “flor da juventude camponesa”, mas pela “flor do pântano do lumpen-proletariado camponês”(Marx, 2011, pp.148-149).

Desta forma Marx demonstra sua mais importante caracterização. Luís Bonaparte não representa os camponeses, sua eleição foi apenas um primeiro “encantamento eleitoral” baseado nas “lembranças” do passado, visto que os mesmos não foram beneficiados pelo presidente, ao contrário, arruinaram-se cada vez mais. Tampouco tinha qualquer ligação com o proletariado, visto que apoiou o massacre dos operários e prendeu todos os seus líderes as vésperas do golpe. A quem ele representava então?

Analisando o golpe, há uma passagem precisa de Marx: “A burguesia francesa sublevou-se contra o domínio do proletariado trabalhador e colocou no poder o lumpemproletariado e, no seu topo, o líder da Sociedade 10 de Dezembro”(Marx, 2011, p.137). Diante dos incessantes golpes do proletariado e do seu fantasma rondando Paris, a burguesia decretou sua nulidade política, permitindo o golpe contra os seus representantes na Assembleia Nacional; o último grito do Parlamento Burguês “viva a República” ficou apenas nos anais da história. A massa da burguesia industrial queria estabilidade política para tocar seus negócios privados e “aplaudiu” Bonaparte após o seu discurso de 25 de novembro, uma semana antes do golpe. Sem a passividade do proletariado e sem o aval da burguesia Bonaparte teria pensado duas vezes antes de dar o golpe de Estado. É como Marx diz: “Assim também bradou a burguesia francesa após o *coup d'état*: o único que ainda pode salvar a sociedade burguesa é o chefe da Sociedade 10 de Dezembro!” (Marx, 2011, p. 150).

Mas Bonaparte “não está suspenso no ar”, considera-se diante da burguesia o representante dos camponeses e do povo em geral, entretanto, Bonaparte considera-se acima de tudo, “...de ser o chefe da Sociedade 10 de Dezembro, de ser o representante do lumpemproletariado, do qual fazem parte ele próprio, a sua *entourage* [entorno, cortejo], o seu governo e o seu exército, e que está interessado antes de tudo em passar bem e tirar prêmios californianos do tesouro estatal. E ele se confirma como chefe da Sociedade 10 de Dezembro com decretos, sem decretos e apesar dos decretos.” (Marx, 2011, p.150-151). Ele não pode dar a uma classe sem tirar da outra, tira do proletariado e dos camponeses para a burguesia e seus “vagabundos e imprestáveis”, a sua missão na verdade é salvaguardar a “ordem burguesa”, governa com os lumpens e para os lumpens, com a benção da burguesia.

A Revolução de fevereiro que tanto Marx como Tocqueville caracterizavam como socialista teve fim com o golpe de Estado de Luis Bonaparte. Para Marx - por que não dizer para Tocqueville? -ela não foi um acidente de percurso da história, pois a partir do momento em que nenhuma classe social conseguia se impor politicamente, devido às constantes lutas que se travaram desde fevereiro de 1848, o terreno estava livre para os aventureiros mais organizados, como foi o caso de Luís Bonaparte. E se Guizot caracteriza o 2 de dezembro como “o triunfo completo e definitivo do socialismo”, pois o executivo se tornara o único alvo da revolução, Marx não deixa de lhe dar razão, pois a luta de classe é semelhante a uma “toupeira” que vai cavando no subterrâneo. “E quando ela tiver consumado essa segunda metade dos seus trabalhos preparatórios, a Europa se porá em pé e exultará: bem cavocado, velha toupeira\*! (Marx, 2011, p. 140).

#### 4. Considerações Finais

Vimos nas páginas desse trabalho a análise de dois titãs da Ciência Social acerca de um fenômeno político que envolveu o conjunto das classes sociais no contexto francês de meados do século XIX. Procuramos mostrar de forma bem objetiva – sem deixar de tomar posição - o pensamento de Marx e Tocqueville; como os dois pensadores entrelaçaram os personagens com os fatos, tentando encontrar uma explicação causal para a explosão da revolução de fevereiro ou para o golpe

de Estado de Luis Bonaparte, que estivesse entranhada no substrato da sociedade francesa, no movimento incessante da “luta de classes”, segundo Marx ou da “guerra de classes”, segundo Tocqueville.

Talvez a maior aproximação entre os dois pensadores tenha sido caracterizar a revolução de fevereiro de 1848 como “socialista”, que tinha no proletariado de Paris o principal sujeito e senhor da revolução social. Os operários eram senhores de Paris e das barricadas! As classes dominantes tinham que pedir licença para passar e se locomover pelas ruas de Paris; o próprio Tocqueville para ir à Assembleia Nacional tinha que passar pelas barricadas e pedir licença aos operários em armas. Foi o proletariado quem derrubou a Monarquia Orleanista comandada pelo rei Luis Felipe, defensor dos interesses da burguesia industrial, há duas décadas no poder. Marx já havia esboçado este ponto de vista nas *Lutas de Classe em França* ao constatar a presença do proletariado nesta revolução:

...Nada mais fácil de explicar, portanto, do que o fato de o proletariado parisiense ter procurado impor o seu interesse paralelamente ao interesse burguês, em vez de legitimá-lo como o interesse revolucionário da própria sociedade; nada mais fácil de explicar do que o fato de ele ter baixado a bandeira vermelha diante da tricolor (Marx, 2012, pp.37-38)

O peso e o poder do proletariado nesta revolução foram tão grandes que, por um triz, segundo nos conta Hobsbawm (1996), a bandeira tricolor da França não se transformou em bandeira vermelha, simbolizando a república social conquistada pelos operários nas ruas: “Seu objetivo não era meramente qualquer república, mas a ‘república social e democrática’. Seus líderes eram socialistas e comunistas...Por alguns dias, houve dúvidas sobre se sua bandeira seria tricolor ou a *faixa vermelha* da revolta social” (Hobsbawm, 1996, p.37).

Mesmo que tentasse parecer imparcial na maior parte de suas narrativas do processo revolucionário francês de meados do século XIX na França, Tocqueville deixa-se trair muitas vezes e revela o seu verdadeiro caráter de classe, como foi o fim de sua narrativa sobre as “jornadas de junho” de 1848, quando o proletariado foi impiedosamente esmagado nas ruas de Paris por um exército quatro vezes maior do que suas forças, como bem nos relatou Engels no item anterior nas páginas do *Nova Gazeta Renana*. O seu “silêncio” sobre o massacre dos operários, sua “lacuna” nas Lembranças de 1848, não o impede de dizer que essas jornadas foram necessárias e funestas, “não apagaram o fogo revolucionário na França, mas, elas *livraram a nação da opressão dos operários de Paris* (grifo nosso) e a reafirmaram na posse de si mesma” (Tocqueville, 2011, p. 220).

Concordamos com Janine (2011, p. 10) quando este afirmou acerca das *Lembranças de 1848*, de que toda a obra confirmaria plenamente o que constituiria “o eixo da análise de Marx” sobre os conservadores, isto é, que a preocupação básica destes era “garantir a ordem social” acima de tudo, inclusive do reestabelecimento da monarquia e que o próprio Tocqueville estaria no meio desses conservadores. E isso demonstramos ao longo de todo este trabalho. O mesmo não podemos dizer de Braudel (2011, p.31) quando, criticando Tocqueville por subestimar os verdadeiros revolucionários da época (Blanqui, Barbès, Ledru-Rollin) e de que este não estaria do lado deles, nos diz que “qualificá-lo de antirrevolucionário não seria justo nem adequado”, pois ele (Tocqueville) “não estaria tampouco do outro lado, e que sua atitude seria a do “observador impenitente e honesto”, que “aceita a repressão como uma necessidade”. Não nos parece condizente com o que lemos nas próprias palavras de Tocqueville nas Lembranças, “éramos senhores de Paris”.

Sem dúvida, aqui caberia a observação feita por Marx (2017) no posfácio à segunda edição de *O Capital*, acerca da chegada ao poder da burguesia em toda a Europa Ocidental e de como a economia política – e por extensão todas as ciências sociais - vai se tornando cada vez mais apologética do capital substituindo a investigação científica imparcial. “Na França e na Inglaterra a burguesia conquistara o poder político. A partir de então, a luta de classes assumiu, teórica e praticamente, formas cada vez mais acentuadas e ameaçadoras” (Marx, 2017, p. 86). Tocqueville já se enquadraria nesses apologetas do capital, mesmo que em suas Lembranças assumisse o papel de historiador que vivenciou os acontecimentos?

Hoje, quando olhamos para a sociedade brasileira, quando vivenciamos e observamos os acontecimentos que se sucederam desde as Jornadas de Junho de 2013, passando pelo *impeachment* da ex-presidenta Dilma (PT) em 2016 articulado por algumas frações da burguesia e seus representantes no Parlamento, pela chegada ao poder da extrema-direita em 2018 e à tentativa de golpe de Estado em 8 de janeiro de 2023 por Bolsonaro e sua *entourage*, quando olhamos para estes fenômenos da política brasileira, poderíamos nos perguntar como o faz Vieira (2022, p.105), acerca do Dezoito Brumário, “foi uma obra realmente lida”? A partir dessa indagação sentimos a necessidade de voltar aos nossos pensadores clássicos das ciências sociais, da análise magistral que fizeram da revolução de fevereiro de 1848 na França e do golpe de Estado de Luis Bonaparte, dos personagens articulados com suas devidas classes sociais, da burguesia que no final das contas decidiu pela sua “nulidade política”.

Ainda faz falta no Brasil análises políticas mais de fundo sobre os últimos dez anos, com todo o rigor que Marx e Tocqueville deram às suas abordagens da revolução de fevereiro e do golpe de estado de Luis Bonaparte. Perceber tanto Marx quanto Tocqueville como historiadores rigorosos, com “a metodologia de um historiador”, como nos diz Lima (2017), principalmente em relação à categoria classes sociais de Marx. A maioria dos estudos produzidos na academia e fora dela a partir de 2013 teve um viés bastante ideologizado por conta da afinidade dos estudiosos com os governos de conciliação de classes encabeçados pelo PT desde 2002. A relativização da categoria golpe de Estado ou sua reelaboração para se adaptar a um esquema ideológico tem estado no centro desses estudos. É uma necessidade inadiável para as ciências sociais e para a ciência política em particular, retomar o verdadeiro significado da categoria golpe de Estado, com todo o rigor que foi dado por Marx no *Dezoito Brumário* e com todo o rigor documentado por Dreifuss (1987) em *1964: A conquista do Estado, ação política, poder e golpe de classe*, quando do golpe de Estado dado pelos militares em março de 1964 em nosso país.

Esperamos que novos pesquisadores saiam dessa cadeia ideológica e passem a olhar a realidade como ela é, chamando as coisas pelos seus verdadeiros nomes, principalmente que surjam estudos mais rigorosos sobre o processo político brasileiro no período de 2013 a 2023.

## Referências

- Antunes, J., Melo, R. P., & Prado, C. (2022). Bonapartismo, história e revolução: reflexões sobre o 18 de brumário de Luís Bonaparte de Karl Marx. Uberlândia: Navegando Publicações. [https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/e-book\\_bonapartismo](https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/e-book_bonapartismo).
- Badia, G., & Mortier, J. (1971). Avant-Propos. In: Marx, K. & Engels, F. *Correspondance*, Tomo II (1849-1851). Editions Sociales, Paris, France.
- Braudel, F. (2011). Prefácio. In: Tocqueville, A. (2011). *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*. Tradução de Modesto Florenzano. Companhia das Letras.
- Dreifuss, R. A (1987). *1964: A Conquista do Estado, ação política, poder e golpe de classe*, (5a ed.). Vozes.
- Engels, F. (2020). Detalhes sobre o 23 de junho. In: *Nova Gazeta Renana*, n.26, 26/06/1848. Tradução Lívia Cotrim. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular.
- Engels, F. (2020). O 23 de junho. In: *Nova Gazeta Renana*, n.28, 28/06/1848. Tradução Lívia Cotrim. Expressão Popular.
- Gil, A. C (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (6a ed.). Atlas.
- Hobsbawm, E. J. (1996). *A Era do Capital, 1848-1875*. Tradução Luciano Costa Neto. (5a ed. Ver.). Paz e Terra.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. (5a ed.), Atlas 2003.
- Lima, S. C (2017). As Jornadas Revolucionárias de 1848: uma análise comparativa do pensamento político de Karl Marx e Alexis de Tocqueville. *Revista Hydra*, 2(3), junho.
- Martins, L. R. (2021). Karl Marx e Alexis de Tocqueville: interpretações sobre a Revolução de 1848. *Ágora (St. Cruz Sul, Online)*, 23(1), 331-347.
- Marx, K. (1978). *O 18 Brumário de Luís Bonaparte e Cartas a Kugelmann*. (4a ed.). Paz e Terra.
- Marx, K. (2008). *Contribuição à Crítica da Economia Política*. (2a ed.). Expressão Popular.
- Marx, K. (2011). *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. Tradução Nélio Schnfeider. Boitempo (Coleção Marx-Engels).

- Marx, K. (2012). *As Lutas de Classes na França de 1848 a 1850*. Boitempo.
- Marx, K. (2017). *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Tradução Rubens Enderle. (2a ed.). Boitempo.
- Marx, K. (2020). A Revolução de Junho. In: *Nova Gazeta Renana*, n.29, 29/06/1848. Tradução Lívia Cotrim. Expressão Popular.
- Mayer, J. P. (1968). *Alexis de Tocqueville y Carlos Marx. Afinidades y Antagonismos*. <https://www.cepc.gob.es/sites/default/files/2021-12/8861rep157068.pdf>
- McLellan, D. (2023). *Karl Marx, vida e pensamento*. Tradução Jaime A. Clasen. Vozes.
- Pereira, A. S. et al. (2018). Metodologia da Pesquisa científica. UFSM. [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic\\_Computacao\\_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1).
- Ribeiro, R. J. (2011). Introdução: a Política Teatral. In: Tocqueville, Alex de (2011). *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*. Tradução de Modesto Florenzano. Companhia das Letras.
- Silva, M. L. (2024). A Teoria do Estado em Marx: bonapartismo como princípio e fundamento da contrarrevolução preventiva. *Org&Demo*, Marília, 25. <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2024.v25.e024005>.
- Tocqueville, A. (1997). *O Antigo Regime e a Revolução*. Tradução Yvone Jean. (4a ed.). Editora Universidade de Brasília.
- Tocqueville, A. (2011). *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*. Tradução de Modesto Florenzano. Companhia das Letras.
- Vieira, J. L. (2022). Marx e a Dinâmica das Classes Sociais em o 18 Brumário: a Historicidade contra o reducionismo. In: Antunes, J., Melo, R. P., Prado, C. (Orgs), (2022). *Bonapartismo, história e revolução: reflexões sobre o 18 de brumário de Luís Bonaparte de Karl Marx*. Uberlândia: Navegando Publicações. [https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/e-book\\_bonapartismo](https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/e-book_bonapartismo)